

INFORMAÇÃO DEVE AGIR SOBRE A REALIDADE

5/9/85 N:

— Marcelino dos Santos em reunião com trabalhadores do sector na Beira

por Armindo Chunguana

O membro do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo e dirigente da Província de Sofala, Major-General Marcelino dos Santos, efectuou recentemente uma visita de trabalho às empresas e organismos dependentes da Direcção Provin-

Após visitas ao «Diário de Moçambique», às delegações do «Notícias», RM, «NC» e INLD, Marcelino dos Santos reuniu com os trabalhadores da Informação no cinema Novocine. Introduzindo aquilo que chamou de humanização do que fora aquela visita, o dirigente da Província de Sofala afirmou:

— Nós temos vindo a conversar, a falar sobre a Informação nos seus diversos aspectos, com o objectivo de termos, todos juntos, como é que temos que continuar o trabalho de Informação, como é que devemos desenvolver o trabalho da Informação. Naturalmente que um aspecto particular é a minha própria preocupação, entanto que responsável da província; é a minha preocupação em conhecer a Informação para ver como é que melhor, tanto o Partido como o Governo, aqui, no nível da Província da Sofala, podem contribuir para o desenvolvimento do vosso trabalho.

«Esta forma e meios de introduzir o diálogo criou desde logo, um ambiente, propício ao diálogo, tendo ficado a dar-se a esta circunstância a profundidade de abordagem da realidade multifacetada da Informação nesta região do País. Foi a verdade uma oportunidade extraordinária que tivemos de conversar, muito abertamente e com franqueza, dos nossos problemas, do nosso trabalho, do que somos e do que queremos ser. Uma conversa de jornalistas conduzida por Marcelino dos Santos que é, como se sabe, uma das figuras preponderantes no quadro político e intelectual desta nossa jovem República, que ele próprio ajudou, com o seu suor e inteligência, a construir.

«E como que a querer dizer-nos que não estava ali para fazer o balanço do que fora a sua visita e muito menos para nos dizer que trazia consigo a solução dos nossos problemas e sim que naquele precioso momento se estava a relançar a Ofensiva Política e Organizacional no Sector da Informação para que todos nós sejamos responsáveis pela maneira como «esta

coisa da Informação» deve andar em Moçambique, Marcelino dos Santos afirmou: Talvez como vocês costumam fazer as reuniões de preparação do plano anual, talvez que num desses encontros seja possível eu também



MARCELINO DOS SANTOS

ouvir vocês debaterem os problemas da Informação. Os problemas grandes, os problemas pequenos, os problemas de fundo, os problemas secundários da Informação.

Seguidamente, aquele destacado dirigente referiu-se ao trabalho que vem sendo feito pelo Jornal «Diário de Moçambique», em tanto que órgão de âmbito nacional, sublinhando que é bom não esquecer que o jornal tem a sua sede na Beira, capital provincial de Sofala, pelo que naturalmente deve haver incidência nalguns aspectos específicos para a zona centro do País.

cial da Informação, na cidade da Beira. Foi como que uma visita destinada a tomar o pulso do que é o trabalho da Informação na província, como é feito, com que meios e que perspectivas existem para o seu desenvolvimento.

Marcelino dos Santos passou depois a relatar algumas experiências da Luta Armada de Libertação Nacional e o papel que o sector de Informação jogou no contexto global da luta. E foi a sequência do relato dessas experiências que Marcelino dos Santos fez uma abordagem, ainda que sem propósito exaustivo, do papel da rádio na etapa actual da edificação do Socialismo em Moçambique. Talvez seja oportuno dizer aqui que a Rádio Moçambique na Beira tem emissões em sete línguas, nomeadamente em Português, Sena, Ndau, Nyanja, Ajawá, Swahili e Maconde. Em todas estas línguas — disse o dirigente da província — há lugar para nós conversarmos, para nós discutirmos, para aprofundarmos o que devem ser os conteúdos de todas essas emissões.

A propósito, é importante mencionar que durante a visita à Delegação da Rádio Moçambique, Marcelino dos Santos foi informado do trabalho que está a ser feito com vista à criação, numa primeira fase, de um embrião daquilo que se pretende venha a ser o Núcleo das Línguas Nacionais. Marcelino dos Santos conversou longamente com os locutores das emissões em línguas nacionais, tendo-se inteirado dos problemas que estão a enfrentar derivados, essencialmente, do facto de, até ao momento, o estudo das línguas nacionais em Moçambique ainda não ter conhecido avanços significativos.

— E não há dúvida — fez notar Marcelino dos Santos — que um dos aspectos principais da nossa personalidade é precisamente a língua. Tanto mais que numa sociedade como a nossa, que ainda é muito uma sociedade oral, a língua desempenha um papel importante na difusão dos nossos valores culturais. Ela traduz o registo que as nossas memórias têm, daquilo que é a nossa realidade cultural.

A iniciativa dos trabalhadores da Delegação da Beira da Rádio Moçambique de contactarem com pessoas idosas, conhecedoras das línguas na-

cionais, para em conjunto se abrirem pistas para um aprofundamento cada vez maior do conhecimento das nossas línguas nacionais, foi interpretada por Marcelino dos Santos como sendo o resultado do aprofundamento vosso, no vosso próprio trabalho, que reflecte por isso mesmo o alto nível do assumir profissional mas político também, daquilo que é a nossa responsabilidade.

Falando do cinema, o dirigente de Sofala começou por fazer notar que nesta província ainda «não fazemos cinema, mas que nada nos diz que não o podemos fazer. É preciso que todos nós reunamos, que a gente discuta, que a gente fale e veja se também isso não é um caminho que se apresenta já com uma certa viabilidade, para todos nós aqui na Província de Sofala — disse.

Marcelino dos Santos exortou os trabalhadores da Informação a libertarem a sua capacidade de iniciativa na busca de soluções face aos problemas conjunturais com que se debatem. Neste sentido, destacou a responsabilidade que pesa sobre a Informação para o desenvolvimento dinâmico da vida política, económica, social e cultural do País. É preciso, frisou aquele membro do BP — fazer um grande trabalho ainda para que todos nós acreditemos que sim, é nosso dever assumir integralmente o direito de decidirmos e de fazermos o nosso próprio destino. É necessário que nós trabalheiros para que cada moçambicano realmente acredite que sim, ele é responsável pela maneira como a coisa política deve andar em Moçambique. Que ele é responsável pela maneira como a coisa económica deve andar em Moçambique; que ele acredite que sim, que ele é o responsável e tem a capacidade de decidir sobre como a coisa social deve andar em Moçambique.

— Vocês têm a responsabilidade — enfatizou Marcelino dos Santos — porque vocês é que são a Informação. Porque vocês é que levam a noti-

cia das coisas a todos os cidadãos moçambicanos. E é da maneira como vocês forem capazes de levar a notícia das coisas que vocês vão, poder mais ou menos contribuir para aguçar o espírito e a capacidade de iniciativa. Esta responsabilidade é responsabilidade dos trabalhadores da Informação.

— Quando, vocês — continuou — vão trazer a notícia das coisas que se passam nos campos da Agricultura, Saúde, Educação, Transportes, a notícia das coisas que se passam no campo da guerra contra os bandidos armados, vocês estão a trazer para todo nós, uma melhor compreensão, melhor conhecimento, melhor capacidade para cada um de nós no seu sector agir sobre a realidade, a transformar e situá-la no processo correcto do desenvolvimento.

O dirigente da Província de Sofala concluiu a sua intervenção com aquela mesma simplicidade com que introduzira a humanização do que havia sido a visita aos diversos centros da nossa actividade, dizendo: Vocês vão ter agora a oportunidade de elaborar o plano para 1986. Aprofundem estes problemas, avancem neste processo, com clareza, indiquem e proponham tarefas para que vocês possam elevar-se cada vez mais alto no processo de pôr a Informação a funcionar como arma fundamental, como instrumento de fundo para elevar a consciência política do Povo moçambicano.

Quando Marcelino dos Santos acabou de falar, sentiu-se naquela sala do Novocine um clima algo diferente. O encontro com o velho Kalungano havia sido, como se esperava, frutuoso. Todos queriam continuar a ouvir aquela voz sempre firme mas não menos melódica que, em certo momento, quando falava da notícia das coisas, parecia estarmos a ouvir um recital de poesia. E afinal é esta maneira simples de dizer as coisas que torna a mensagem mais acessível e para o caso vertente, mais actuante. E não haja dúvidas de que quanto mais a notícia das coisas for elaborada em obediência a esta maneira simples de dizer as coisas, será, e é justo frisar, mais actuante.